

Apresentação

Dossiê “Razão biográfica, história e política”

Como identificar e caracterizar sujeitos individuais? A pergunta, aparentemente simples e direta, remete a uma indagação antiga, forte entre as formulações filosóficas de tempos idos e presentes, vertida em respostas e investidas diversificadas, sendo uma delas conformada pela produção de biografias. Prática recorrente em muitas sociedades, o ato de narrar e registrar vidas, no desenho de formas e funções particulares, guarda relações íntimas com as muitas reflexões acerca das ações humanas no mundo.

No recorte de tradições culturais do mundo ocidental, a palavra remete à Grécia Clássica. O vocábulo grego veio a ser apropriado para ser então designador das muitas escritas de vida que, a partir do século XVIII, proliferaram entre os impresos em circulação nas sociedades europeias¹. Como texto, nas suas múltiplas materialidades discursivas, a biografia moveu-se em ilações maiores ou menores com outras formas de saber e de escrita, destaque em especial para a historiografia².

Longe de querer esgotar as implicações epistemológicas associadas às relações entre biografia e história, no que concerne, por um lado, à sua historicidade, e por outro, às interseções com a historiografia, o presente dossiê objetiva, por meio dos textos aqui reunidos, abordar uma problemática mais específica traduzida na reunião dos conceitos em seu título.

Começemos por razão biográfica. A expressão foi utilizada por Daniel Madelénat na sua obra referencial sobre a biografia. Nela, o autor, sob os cuidados da autodesignação de crítico amador, realiza exercício de teorização no qual se identificam as questões mais recorrentes, as respostas, doutrinas, métodos e técnicas associados aos fazeres e saberes biográficos. Em três partes – “Geografia e História”, “Epistemologia” e “A obra biográfica” –, nove capítulos e cerca de duzentas páginas, Madelénat oferece aos interessados uma das análises mais instigantes, em sistematização exemplar, sobre os valores e práticas imbricados no ato de conhecer, registrar e narrar histórias de vida³.

Publicado em 1984, integrou o momento de intensificação dos debates, em solo francês, acerca do que alguns chamaram de “retorno da biografia”,

em alusão ao crescimento significativo de estudos biográficos entre produções acadêmicas do campo das ciências sociais. Crescimento reconhecido e ao fim causador de algumas polêmicas, entre as quais o alerta de Pierre Bourdieu acerca da “ilusão biográfica” rendeu larga fortuna crítica⁴.

Sob a inspiração direta do aprendizado proporcionado pela crítica de Made-lénat, o conceito de razão biográfica figura para esse dossiê como eixo aglutinador. No nosso entendimento, referir-se à razão biográfica pressupõe afirmar a dimensão vicária do ato de contar as vivências de sujeitos variados. Cria-se, pela palavra, e pela narrativa, um lugar de referência para o outro. Instaura-se o tempo do relato, mediação necessária para o tempo do vivido, a criar orientações para os que se dispuserem a decifrá-lo. O conceito, nesse enfoque, firma uma maneira de conceber, e, assim, pode assumir caráter heurístico e multiplicador, em particular ao situar uma perspectiva analítica valorizadora da compreensão da condição do sujeito e dos muitos fatores que conformam e constituem essa condição. Ao quisermos indagar sobre as vivências de indivíduos, grupos e sociedades, iremos, em alguma instância, lidar com a razão biográfica. Há, nessa premissa, certamente, uma aposta, simplificada pela máxima de que a biografia, como gênero discursivo, é uma forma de conhecimento, aberta a muitos métodos e a muitos usos socioculturais.

Passemos então aos dois outros conceitos que integram o título do dossiê. A junção de ambos, por si só, delineou a intenção de circunscrever um conjunto universo entre os muitos passíveis de serem propostos na indagação sobre razão biográfica. História e política, palavras do senso comum de muitas línguas, polissêmicas, nessa dimensão e também entre os saberes acadêmicos⁵. Na modernidade setecentista, para mais uma vez retomar o corte das inflexões associadas ao século XVIII, no ocidente europeu, esprou-se a concepção moderna de história, em que as relações entre passado, presente e futuro mediavam-se pela política, nos termos do que fazer e do como agir para equacionar – e estabelecer poder e controle sobre – mudanças e tradições sociais⁶. Sob ótica propositalmente generalizadora, caso ainda nos consideremos modernos, há sempre política na história.

Generalizações à parte, interessa-nos, nesse dossiê, fazer uma pontual amostragem de algumas problematizações materializadoras dos usos da biografia como chave de interpretação para ações políticas na história. É já consenso que, nos últimos trinta anos, nos espaços acadêmicos brasileiros, a escrita da história

política adquiriu novas conformações, destaque para os campos alargados de trabalhos concernentes às linguagens, conceitos, vocabulários, identidades e culturas. Com valores redobrados, as trajetórias de sujeitos específicos ocupam essa cena, por meio de investigações focadas no questionamento das relações entre as categorias indivíduo/sociedade e espaço público/espaço privado. Proliferam biografias de notáveis, de infames, nos termos concebidos por Michel Foucault⁷, de grupos profissionais e/ou partidários, de comunidades diversas. Em menor escala, crescem as indagações sobre memória e estratégias de consagração, aplicadas em reflexões sobre processos de heroicização, de construção de identidades autorais, de pertencimentos étnicos e nacionais e de imaginários sociais. Há hoje, parodiando Alceu Amoroso Lima, uma epidemia biográfica⁸, a cobrar dos historiadores o inventário cuidadoso e olhares críticos acerca dessa vasta produção em expansão.

Os onze artigos integrantes do dossiê apresentam uma variedade de abordagens e questões, grande parte traduzida em seus títulos. Da “cria de frases”, como metáfora guia das imbricadas relações entre história e (auto)biografia, à crítica do testemunho e da representação na História do Tempo Presente, ao “caráter da história” em obras de Cláudio Manoel da Costa, seguem-se análises sobre atores/autores diversos – Joaquim José Rodrigues Torres, Francisco de Paula Brito, Clóvis Beviláqua, Gonçalves Dias, Fernando Luís Osório, Manoel de Oliveira Lima, D. Luís de Orléans e Bragança, Luís Peixoto e Teotônio Vilela.

Buscou-se promover também o encontro de gerações de historiadores, entre nomes já reconhecidos por publicações referenciais e jovens pesquisadores, autores de investigações em curso, nos seus respectivos doutoramentos. Espera-se, por meio dessa pluralidade singular, que o leitor possa ter, entre suas impressões, a apreensão da biografia, ou melhor, da razão biográfica, como campo de possibilidades investigativas em constituição.

Por fim, mas não com menor importância, firma-se o agradecimento fraterno aos autores que colaboraram para a composição do dossiê.

Marcia de Almeida Gonçalves

NUBHES - Núcleo de Estudos sobre Biografia, História, Ensino e Subjetividades

Notas e Referências

- 1 Cf. Daniel MADELÉNAT. *La biographie*. Paris, PUF, 1984.
- 2 Ver, entre outros, Arnaldo MOMIGLIANO. *The development of Greek Biography*. Expanded edition. Cambridge, London, Harvard University Press, 1993.
- 3 Cf. Daniel MADELÉNAT. *La biographie*. Op. cit., p. 5-12.
- 4 Cf. Pierre BOURDIEU. “A ilusão biográfica”. In Marieta de Moraes FERREIRA e Janaína AMADO (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996, pp. 183-192.
- 5 Ver, entre outros, Guilherme Pereira das NEVES. “História: a polissemia de uma palavra”. In *História, teoria e variações*. Rio de Janeiro, Contracapa, Companhia das Índias, 2011, p. 19-10.
- 6 Cf. Reinhart KOSELLECK. *Futuro pasado. Para una semántica de los tiempos históricos*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1993.
- 7 Cf. Michel FOUCAULT. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992.
- 8 Cf. Márcia de Almeida GONÇALVES. *Em terreno movediço. Biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.

